

## **Por Aqui, Tudo Bem<sup>1</sup>**

Carolina Caniato Portes<sup>2</sup>  
Eduardo Malvacini Franchesqueti<sup>3</sup>  
Nilson Assunção Alvarenga<sup>4</sup>  
Cristiano José Rodrigues<sup>5</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

Este texto é um relato do trabalho prático: “Por aqui, tudo bem”. Busca descrever resumidamente a trajetória de construção de um documentário sobre a Faculdade de Comunicação da UFJF, desde a concepção teórica e estética até o trabalho prático de entrevistas, montagem e finalização. Partindo da proposta de mostrar as relações dos alunos da Faculdade de Comunicação com as artes visuais, o documentário acabou tomando uma via muito mais experimental e pessoal, ainda que construído com as falas de diversos alunos. O documentário foi feito como tentativa de levar à faculdade – em processo de modificação de seu currículo – os questionamentos de alguns de seus alunos.

Documentário experimental. Comunicação Social. Artes.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário experimental; comunicação Social; artes.

### **1 INTRODUÇÃO**

No percurso que se tornou a nossa graduação vivemos experiências que nos marcaram profundamente. Nossa relação de amor e ódio pela faculdade já era um prenúncio da grande atenção que dávamos a esse espaço. Ensaíamos diversas vezes uma fala sobre nossa faculdade, em exercícios, conversas com amigos e militância estudantil. Não era nossa intenção fazer um trabalho de conclusão de curso que falasse da faculdade, mas esse tema estava nas nossas cabeças e acabamos sendo impelidos - para não dizer obrigados - a falar disso, tendo que, de última hora, reescrever todo nosso anteprojeto.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade CA07 – Imagem fotográfica em movimento, apresentado como TCC em Comunicação Social.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo formada em Comunicação Social – Jornalismo, pela UFJF, email: carolcaniato@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante, Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela UFJF, email: trinidol@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientador do TCC, Professor Adjunto da UFJF, email: nilsonaa@terra.com.br

<sup>5</sup> Coorientador do TCC, Professor Adjunto da UFJF, email: Cristiano.rodrigues@ufjf.edu.br

## **2 OBJETIVO**

Esse documentário é, portanto, uma reflexão sobre o momento que vivemos na faculdade. Ao invés de nos afastarmos para analisar o contexto em que a faculdade se encontra e o que pensam seus alunos, acabamos por nos aproximar mais de nossa própria vivência na faculdade, mediando e organizando nosso pensamento através de imagens e de falas de nossos colegas.

Se em um primeiro momento nossa racionalidade pedia um documentário militante, falando dos problemas e das possibilidades de melhora da nossa faculdade, acabamos nos voltando (em outro tipo de militância) para aquilo que vivemos na faculdade, buscando respostas para a nossa própria relação de afeto por ela.

Ouvindo nossos colegas de curso, percebemos como essas experiências podem estar ligadas pelas frustrações e alegrias vividas nesse ambiente. Nossa aposta é de que esses questionamentos possam reverberar em alunos de outras faculdades. Outra aposta é a de que, evitando uma crítica frontal à faculdade e às esferas de poder que a compõem - e aquelas que restringem sua atuação -, possamos fazer que professores e funcionários pensem também a faculdade, sem a repulsa que essas críticas poderiam causar.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Esse pensamento sobre a faculdade acontece em um momento importante. Nossa faculdade, assim como outras, se encontra, nos últimos anos, em reestruturação curricular. Mais do que descrever as mudanças que já estão definidas para o nosso curso, cabe saber que estamos em um momento em que alguns professores, principalmente, estão pensando a faculdade, seus objetivos e possibilidades.

Ainda que quixotesicamente, gostaríamos que nossa fala, construída com ajuda das vozes de nossos colegas, pudesse estar presente nessa discussão. Pensamos que as opiniões e experiências dos alunos na relação entre jornalismo e artes visuais, podem servir como ponto de partida para a ampliação das reflexões a este respeito, que acabam moldando não só a prática pedagógica cotidiana, mas também as políticas institucionais.

Sabemos também que o curso se insere em um contexto mais amplo de políticas públicas, principalmente no contexto de aplicação do REUNI – que acaba afetando até

mesmo aqueles institutos que não concordaram e não se integraram a essa proposta – e ainda no ideário neoliberal aplicado à educação sob a forma da educação por competências e do aprender a aprender (BASTOS, 2010).

É fato que essas alterações afetam o tipo de relação que os alunos têm com as áreas do conhecimento no decorrer do curso, podendo torná-lo mais tecnicista ou dar maior enfoque ora para as teorias, ora para as práticas. Se em um primeiro momento buscávamos compreender o que nossos colegas de curso pensavam a respeito das artes em relação ao jornalismo, acabamos percebendo como seria complicado discernir as ideias dos outros das nossas ideias, estando tão embrenhados no mesmo contexto. Acabamos, porém, nos aproveitando dessa mistura na construção de nossa narrativa.

Nossa faculdade enfrenta problemas bastante específicos, cruciais para a formação de um jornalista. Sabemos que os problemas que essa profissão enfrenta são profundos. A descrição de Ciro Marcondes Filho (2002) sobre as mazelas do jornalismo – dos jornalistas, das empresas, dos meios – oferece um panorama desolador dessa profissão, com condições de trabalho cada dia mais precários. Assim, não temos a ilusão da presença da arte como uma panaceia para a formação de jornalistas, mas de elementos que podem enriquecer – termo também empregado por Vigotski, que discutiremos mais adiante – a experiência dos jornalistas em formação.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Criamos o documentário “Por aqui, tudo bem” utilizando de diversas fontes de áudio e vídeo. Essas fontes foram acionadas por conta de nossos referenciais estéticos e teóricos. Esses referenciais, em última instância, foram nosso guia metodológico. Foi, em grande medida, a partir das questões levantadas por esses autores que organizamos nosso pensamento sobre a faculdade de comunicação e, conseqüentemente, nosso documentário.

Partimos de “Imaginação e Criação na Infância” de Lev Vigotski para observar as relações entre os processos criativos e o ambiente de aprendizado. Vigotski divide a atividade humana em duas categorias principais, a atividade reprodutiva e a atividade combinatória. A primeira tem uma relação íntima com a memória:

Sua essência consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões

precedentes. [...] quando escrevo ou faço algo seguindo determinado modelo, reproduzo somente o que existe diante de mim. O comum em todos esses casos é que a minha atividade nada cria de novo e sua base é a repetição mais ou menos precisa daquilo que já existia. (VIGOTSKI, 2009, p.11-12).

Essa classificação não tem como objetivo desmerecer a atividade reprodutiva, mas sim ressaltar que apenas essa atividade não garante a adaptação do ser humano às modificações novas e inesperadas do meio.

Por outro lado, a atividade combinatória ou criadora seria aquela “que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência [...]” (VIGOTSKI, 2009, p.13). Nessa atividade há reelaboração e combinação da experiência anterior. A atividade combinatória pode também ser entendida como imaginação ou fantasia. Porém, Vigotski argumenta que esses conceitos são habitualmente ligados a algo que não corresponde à realidade, mas que, “na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica” (2009, p.14). Assim, ele também desmistifica a atividade criadora como exclusividade de gênios e a coloca no dia-a-dia, como condição necessária da existência. Para ele, “tudo que ultrapassa os limites da rotina, mesmo que contenha um iota do novo, deve sua origem ao processo de criação do homem” (VIGOTSKI, 2009, p.16).

Essas e outras ideias do autor sobre as quais não podemos nos debruçar nesse texto nortearam não só a nossa hipótese como também o processo de criação do documentário, que tem na inadaptação ao mundo – outro conceito trabalhado pelo autor – seu ponto central.

O contato com os filmes e com o pensamento sobre o cinema do cineasta Jean-Luc Godard foi um dos grandes responsáveis pelas ideias que permeiam esta pesquisa. Um filme em especial foi mais impactante e contribuiu diretamente na concepção das imagens e montagem do documentário: *O Vento do Leste*. Do início da década de setenta, o filme é uma realização de Godard juntamente com outros integrantes do grupo Dziga Vertov. O filme nos tocou em dois pontos diferentes: sua temática, com uma posição política bem marcada e questionadora, e construção das imagens e dos sons.

As discussões sobre o cinema político e o cineasta militante que Godard levanta para nós foram cruciais. No filme, ele coloca três questões que nos marcaram, antes mesmo de

começarmos a produzir o documentário: o que devemos fazer? Como devemos fazer? De onde falamos? Essas perguntas ficaram latentes e nos colocaram para pensar sobre as intenções que tínhamos com este documentário. Elas serviram como disparadores para pensarmos no que queríamos comunicar, no que gostaríamos que nosso espectador visse e, principalmente, em como transformaríamos nossas ideias em imagens e sons.

Outro momento importante do filme é quando Godard fala sobre os conceitos burgueses de representação. Ele nos faz outro questionamento: “como construir uma imagem diferente da que faz a ideologia dominante?” Longe de conseguirmos respondê-la objetivamente, esta pergunta perdurou durante toda a produção do documentário. A todo o momento nos questionávamos e debatíamos em que a nossa visão, como alunos, seria distinta de uma pessoa vê a faculdade de fora.

Nosso documentário, então, se tornou uma narrativa pessoal e uma narrativa exclusivamente de alunos. Tomamos emprestadas as falas de nossos colegas e as imagens de nossa faculdade para, em última instância, produzir o discurso de dois alunos sobre a faculdade que cursaram. Não há um diálogo com professores e funcionários, não existem discussões com as esferas de poder na faculdade, nem com os representantes dos alunos, assim como esse diálogo (no sentido político) quase não aconteceu em nossa vida acadêmica. Através do documentário, nossos embates contra essas esferas só podem ser intuídos, não estão explícitos.

Outro filme que foi de grande importância para a construção de nossa narrativa foi *Tarnation*, de Jonathan Caouette, feito em 2003. Esse filme foi construído a partir de imagens captadas pelo diretor desde seus 11 anos de idade, além de fotos de família e sons de cassetes gravados pela família de Jonathan. Assistimos *Tarnation* pela primeira vez durante uma mostra que acontece na faculdade de educação, o Cineduca, organizado pelo professor Cristiano Rodrigues, doutorando em Educação e nosso co-orientador.

*Tarnation* foi um choque, não só para nós, mas para grande parte daqueles que viram essa sessão. A crueza das imagens reais e as situações reveladas pela câmera nos permitem entrar na vida e na narrativa do diretor. Ainda que não tenhamos sido tão radicais em nossa forma, só pensamos em introduzir imagens do nosso arquivo no documentário após termos visto esse filme. Ele nos abriu a possibilidade de embrenhar na narrativa de nossa faculdade as experiências que vivemos ao redor dela. A partir de *Tarnation* nosso documentário deixou de ser sobre um outro, e se tornou uma construção entre nós e o outro, com as palavras do outro e com nossas experiências e sensações.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário é montado a partir de imagens e sons vindos de diferentes contextos. Iremos descrever brevemente as camadas de que ele é composto.

A camada principal de nosso documentário foi a primeira a ser gravada. São as entrevistas com alunos de nossa faculdade. Nos preocupamos com a escolha dos entrevistados e com o método que usaríamos para isso, já que nossa intenção não era conversar com aquelas pessoas que já conhecíamos. Como já estávamos no final da faculdade e não cursávamos nenhuma disciplina, nosso contato com os alunos era escasso, portanto, não conhecíamos ninguém dos primeiros períodos.

Gravamos as entrevistas em duas etapas, uma com perguntas mais superficiais, feita nos corredores da faculdade e outra, com perguntas mais complexas em uma das salas da faculdade, um ambiente mais confortável e silencioso para nossos entrevistados.

Para a gravação das entrevistas bem como de todas as imagens adicionais utilizamos uma câmera DSLR - Canon T3i - e um gravador de áudio Tascam Dr40, acoplado a um microfone direcional. Decidimos gravar todo o material em 24 fps - obturador fixo em 1/48 - com o padrão de cor Cinestyle fornecido gratuitamente pela empresa Technicolor ([www.technicolorcinestyle.com/](http://www.technicolorcinestyle.com/)). Essa configuração permitiu a captação de imagens com baixa saturação e baixo contraste, o que permite maior flexibilidade na pós produção das imagens, principalmente na correção de cor.

O documentário também é composto por imagens de arquivo pessoal. Durante nossa trajetória nesse projeto percebemos quanto eram importantes nossas experiências boas em nossa faculdade e como isso estava embrenhado naquilo que poderíamos dizer dela. Assim decidimos utilizar imagens de diversos exercícios que fizemos durante a faculdade. Essa é a camada mais pessoal da narrativa.

Buscamos também imagens do próprio espaço físico da faculdade, como ele se mostrava a nós naquele momento. A ideia de espaços vazios nos dizia bastante sobre nossa relação com aqueles corredores e salas, portanto saímos em busca dessas imagens que, por sua força, acabaram se tornando recorrentes durante todo o documentário.

Além disso, produzimos juntamente a dois dos entrevistados, narrativas que mostrassem de forma metafórica a relação deles com a faculdade. Demos a todos os

entrevistados a oportunidade de produzir esses filmes, mas apenas dois toparam o desafio de dizer não só com palavras, mas com imagens.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Entre todos os problemas que podemos observar em nossa faculdade, a falta de uma relação com a arte como forma de rebeldia e inovação nos pareceu - em alguns momentos de desânimo com o projeto - um tanto fútil. Essa percepção se modificou com o tempo. Hoje, ainda que tenhamos consciência de muitos dos problemas que circundam e se infiltram na universidade, percebemos a relação da arte com o ambiente de aprendizado como inevitável, ainda que forçada a entrar nesses ambientes apenas por seus alunos.

Percebemos que mesmo que mesmo que a faculdade não tenha institucionalizado essas práticas, os alunos guardam uma relação forte com as artes. Através das falas em que nos contavam sobre o seu dia-a-dia, pudemos perceber como a arte está presente como fruição ou como forma de expressão para diversos de nossos colegas, assim como para nós.

A maior revelação, porém, não estava na relação faculdade - artes e sim na relação da faculdade com os alunos. Ficou claro para nós que existem dois idiomas sendo falados na faculdade e que há pouca intercessão entre eles. Expondo de outra maneira, parece não haver diálogo entre as experiências postas em contato no ambiente universitário - experiências dos alunos, dos professores, dos textos, imagens, filmes. Se pudéssemos propor algo à faculdade, seria uma relação de escuta maior às experiências dos alunos.

Conhecemos o risco que estamos correndo por termos produzido uma narrativa pessoal, principalmente o de nossos espectadores não se identificarem com essa narrativa. É um risco que buscamos minimizar, mas ele permanece, sem dúvida. Mas se esse documentário não fizer pensar nossos colegas de curso, nossos professores ou o público de um festival, ao menos o processo em que nos envolvemos - Carolina, Eduardo e Nilson - nos fez pensar muito sobre a nossa faculdade, e sobre nós, que fazemos parte dela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Rafael. **A proposta de qualificação profissional do REUNI: contradições e possibilidades**. Dissertação. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

FILHO, Luis R. (org.) **Godard, Jean-Luc**. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MARCONDES FILHO, C. J. R. **Comunicação e Jornalismo:** A Saga dos Cães Perdidos. São Paulo: Hacker, 2000.

TIRARD, Laurent. **Más Lecciones de Cine.** Buenos Aires: Paidós, 2008

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico: livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.